Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A CRISE SACRAMENTAL ATUAL: UM PROBLEMA DOGMÁTICO OU PASTORAL?

Joanderson Marinho de Lira[1]

Resumo

Que estamos vivendo uma época na qual os sacramentos e a vida dos sacramentos estão experimentando uma crise é fato. Os sacramentos fazem parte da nossa vida de fé, entretanto, nos últimos decênios, podemos verificar uma forte indiferença à vida sacramental, reduzindo-os a meras celebrações vazias, preceituais e puro externismo. Constatamos, assim, um real estado de crise, com acentos tanto na reflexão dogmática quanto na ação pastoral. Nosso objetivo é tentar refletir sobre as possíveis origens dessa crise. Para isso, tomaremos a reflexão de autores como Leonardo Boff, Joseph Ratzinger e Josep Belloso que possa nos ajudar a pensar a situação e refleti-la.

Palavras-chave: Sacramentos. Crise. Símbolo. Idealismo. Práxis.

INTRODUÇÃO

Os sacramentos da fé cristã fazem parte do nosso cotidiano, sobretudo quando falamos dessa realidade no âmbito da fé católica. O Catecismo os define como "sinais eficazes da graça" (CIC, 1131). Tal definição pode parecer distante e, algumas vezes, até soa vazia, se considerarmos que pontos cruciais para a compreensão sacramental não estão tão claros quanto parecem. Símbolos e ritos já não têm falado o suficiente ao homem moderno.

Nosso objetivo é refletir sobre o que possivelmente tem gerado uma crise que atinge tanto a compreensão da fé quanto uma pastoral sacramentais. Não temos pretensão de esgotar o tema ou solucionar os problemas decorrentes, mas suscitar um pensar acerca dessa realidade tão

[1] Mestrando do programa de pós-graduação em Teologia pela Universidade Católica do Pernambuco – UNICAP, bolsista da CAPES, e-mail: jo_anderson7@hotmail.com.

atual.

1 TEMPOS DE CRISE

Temos vivido tempos de profundas mudanças. O avanço tecnológico, o utilitarismo, o exacerbado consumismo, novas perceptivas da realidade, tudo tem atingido diretamente o homem. Questões, antes inimagináveis, hoje fazem parte do nosso cotidiano e temos que lidar com elas com a tranquilidade de quem, no Cristo, busca responder às mais diversas objeções. O homem questiona a si, o mundo e a sua fé. E uma reflexão se torna valiosa, sobretudo, quando nos ajuda a lançarmos mão de preconceitos e a ajuizarmos respostas plausíveis.

No âmbito da fé, isso se trona mais claro ainda quando se busca compreender melhor o que se crê para melhor celebrar e viver a fé. Se as crises afetam o homem como um todo, a vivência da fé também passará por esse crivo. E a vida sacramental logo fica comprometida também. Veremos dois pontos a seguir que nos ajudarão a pensar acerca do proposto.

1.1 O símbolo

Leonardo Boff afirma que o homem "é também capaz de ler a mensagem que o mundo carrega em si. Essa mensagem está escrita em todas as coisas que formam o mundo" (2012, p. 11). Uma boa antropologia jamais desprezará essa realidade, pois "viver é ler e interpretar" (BOFF, 2012, p. 12).

Partimos do fato de que é próprio do homem refletir sobre a realidade à sua volta e nem sempre as coisas vêm às claras, senão que se colocam de modo simbólico. Sinais que nos falam doutra realidade que não esta, mas que nos transcendem.

Os símbolos nos rodeiam, sejam os naturais, sejam os artificiais. E ainda aqueles dos quais se valem os *merchandisings* para nos fazer comprar desenfreadamente. Mais do que tudo, somos provocados pelos símbolos

que nos cercam. Poderíamos dizer que a capacidade de interpretar os símbolos é constitutiva da realidade humana. E, claro, disso os sacramentos terão necessidade.

Segundo Ratzinger, o princípio sacramental se baseia no "transparecer simbólico da realidade em direção ao eterno" (2019, p.198). A realidade sacramental é simbólica, isto é, os sinais que envolvem cada sacramento têm uma realidade visível e frágil, mas apontam para uma realidade muito maior que a puramente expressa pelos sinais da água, do óleo, do pão e do vinho.

Mas, se o fundamento da realidade sacramental é simbólico e o homem é capaz de interpretar os símbolos, como explicar o fato de os sinais sacramentais não conseguirem falar mais ao homem de hoje? Ou melhor, como o homem moderno não consegue mais interpretar os sinais sacramentais?

"Não cremos que o homem moderno tenha perdido o sentido pelo simbólico e pelo sacramental" (2012, p. 12), é o que nos afirma Boff. O que realmente está por detrás dessa incapacidade por compreender a linguagem simbólica sacramental é o fato de os símbolos e os ritos sacramentais terem-se esclerosado e se tornado anacrônicos (cf. BOFF, 2012, p. 12), mais adiante trataremos sobre isso.

Já para Ratzinger, o homem moderno enfraqueceu sua capacidade simbólica justamente por conta do materialismo. "O mundo é considerado como matéria e a matéria como material, por ora não fica nenhum espaço livre para aquele transparecer simbólico da realidade em direção ao eterno" (RATZINGER, 2019, p.198).

Ou os símbolos não nos dizem mais por que são vistos apenas materialmente (tese de Ratzinger), ou os ritos sacramentais envelheceram a ponto de obscurecerem a riqueza simbólica e anuviarem a capacidade interpretativa do homem (tese de Boff). Temos aqui, então, pontuado que o homem moderno não consegue compreender mais os símbolos sacramentais.

1.2 O idealismo alemão

Deus se revela ao homem em sua própria história. Não de forma diversa e aparente, mas Ele penetra a história humana. Isso se torna bastante visível quando contemplamos o Verbo encarnado (cf. Jo 1,14). Deus entra nos nossos espaços e tempo de modo único, é acolhido na história do homem e a santifica.

> Ele não aparece mais como o mistério insondável do cosmo em geral, mas como o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó; mais precisamente como o Deus de Jesus Cristo: como o Deus que "está lá para o homem" e que vem, inclusive, definido pelo seu estar com os homens (RATZINGER, 2019, p. 206).

O homem não é sozinho nem está sozinho no mundo. Sua existência é histórica e se realiza, sobretudo, na sua relação com as coisas e com os outros homens. Assim, as coisas e o mundo falam ao homem (cf. BOFF, 2012, p.11), e a sua própria existência e a existência dos demais lhe falam também. É a história humana sendo tecida.

À medida que consideramos isso, precisamo-nos dar conta de que a história da salvação, que se dá na nossa história humana, abriga os sinais salvíficos no seu interior, sacramentando a presença de Deus entre nós. Fatos da história da salvação serão referidos aos sacramentos, pois "remetiam, de algum modo, à obra da salvação de Jesus Cristo e deixavam assim transparecer o eterno no temporal" (RATZINGER, 2019, p. 205).

A relação Deus e homem é fundamental, inclusive para a própria compreensão da existência humana, uma vez que o homem não é apenas um animal que é racional, mas também é espiritual, o que nos leva a considerar que é "capaz de Deus" (CIC 27-49) e chamado por Ele para estar com Ele, já agora nesta vida.

São Leão Magno afirma: "tudo o que havia de visível em nosso Redentor, passou para os mistérios" (LEÃO, 1996, p.174). Dessa forma, os sacramentos são um modo de Deus se comunicar conosco, de se tornar acessível a nós, permanecer no nosso meio.

Nem tudo é tão óbvio assim, a visão que o homem tem do mundo

acaba influenciando também a sua fé. Tanto que Ratzinger vai apontar o idealismo alemão de Fichte como aquele que vai influenciar fortemente a vida sacramental. Sobre Fichte, ele explica:

> Cada homem seria um espírito autônomo que edifica a si mesmo, totalmente por decisão própria, e é inteiramente produto das próprias resoluções não seria nada além da vontade e da liberdade que nada tolera que não seja espírito, mas que se dá forma completamente em si mesmo (RATZINGER, 2019, p.211).

Se o homem é um espírito autônomo, temos um sério problema antropológico, pois logo percebemos a negação da corporeidade. Se o homem é só espírito e nada de material (corporal) lhe serve de mediação, localizamos aqui um problema com relação aos sacramentos, pois eles se dão na pessoa humana, corpo e espírito, e não fora dessa realidade e mediada também pela matéria.

Nem só a matéria, como apregoam os materialistas, nem só espírito com total autonomia, como aponta Fichte, são capazes de abarcar o todo do homem. Negar a corporeidade ou a espiritualidade humanas é lançar o homem num horizonte vazio.

Pois bem, constatamos um cenário que nos possibilita ver uma razão para uma possível crise sacramental. Se considerarmos o idealismo de Fichte, toda mediação material que alcance o espírito deverá ser desconsiderada, logo, a recepção sacramental se torna uma realidade fútil e dispensável.

O Deus que se revela a nós, a nosso modo e na história humana, também quer ser encontrado "' de modo humano', porém, quer dizer: na forma da comunhão inter-humana, da corporeidade e da história humana" (RATZINGER, 2019, p. 213). Isto é, Deus não quer comunicar-se de outra maneira que não seja compreensível ao homem e através de sinais materiais concretos

Assim, qualquer tentativa de compreender a história humana desconsiderando a sua existência de modo concreto, enquanto corporal e espiritual, implicará sérias consequências para a doutrina sacramental e, mais ainda, para que os sacramentos sejam efetivos na vida de quem os

recebe.

2 A PRÁXIS SACRAMENTAL

O catecismo da Igreja tem-nos ensinado que os sacramentos são eficazes (*ex opere operato*) pela própria força da ação litúrgica realizada e que independe da santidade do ministro (cf. CIC 1128). Cumprir o Rito instituído pela Igreja e observar o essencial para a sua realização tornam-se indispensáveis para que um sacramento seja ministrado validamente.

Até então qualquer católico bem formado pode compreender tranquilamente. Mas duas consequências aqui podem comprometer essa realidade: uma que enrijece a celebração a ponto de esmaecer o brilho de sua beleza e do seu significado, é o ritualismo exacerbado; outra é a ideia de que não se deve cumprir o rito, mas inventá-lo arbitrariamente, é o laxismo litúrgico.

O primeiro peca pela intransigência, exagero, escrúpulo, o segundo peca pelo desprezo institucional e se coloca acima do próprio magistério eclesial. Tudo isso seria evitado se levássemos em conta a real natureza dos sacramentos que "se destinam à santificação dos homens, para a edificação do Corpo de Cristo e, enfim, prestar culto a Deus" (SC, 59).

Uma e outra realidade sempre são enfoques de discussões e embates magisterias. Recentemente o papa Francisco na Carta Apostólica *Desiderio Desideravi* nos alertou sobre ambos os perigos.

> A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca de uma estética ritual que se contenta apenas com uma cuidadosa observância exterior de um rito ou se satisfaz com uma escrupulosa observância das rubricas. Obviamente, o que estou dizendo aqui não quer de modo algum aprovar a atitude oposta, que confunde simplicidade com banalidade descuidada, ou o essencial com superficialidade ignorante, ou a concretude da ação ritual com um funcionalismo prático exasperante (DD, 22).

Que o rito precisa ser realizado é fato, para poder garantir a própria eficácia sacramental, entretanto, não se deve matar a sua vitalidade ou

banalizar a sua execução. Todo equilíbrio se faz necessário. E, quanto maior e mais profunda for a compreensão dos sagrados mistérios, maior será a maneira de celebrá-los e, consequentemente, de vivê-los.

Sendo assim, podemos ver que tanto uma quanto a outra postura acabam por colocar a práxis sacramental em equívocos, que mais dizem respeito a questões tomadas pessoalmente do que transmitir a vida de fé da Igreja. O resultado disso é claro, verdadeira confusão e barreira para uma séria compreensão dos sacramentos.

Aqui podemos cogitar a questão da pastoral sacramental. Muitos dos problemas acerca da vida sacramental podem ser também resultado de uma má atuação pastoral. Esta, muitas das vezes, se reduz à transmissão superficial da fé sem comprometimento.

Os sacramentos nos colocam em contato direto com a Graça de Deus e, à medida que isso se dá, torna-se exigente uma atuação consciente, ativa e eficaz no meio eclesial. Isso se torna bastante visível na vida pastoral da Igreja. Belloso recorda que "os sacramentos, portanto, não são 'aquilo que nos distancia do trabalho e da transformação do mundo'" (2005, p. 75), mas nos coloca em ação como membro vivo de uma comunidade de fé, sacramentada pela graça divina.

A vida pastoral não só deve ser consequência da vida sacramental, mas também deve implicá-la e instigar a que se redescubra a beleza sacramental pela própria vida comprometida com o Evangelho.

Se consideramos a força dos sacramentos na vida do fiel e a Graça que lhe é comunicada, devemos considerar que onde ele estiver deve irradiar essa presença de Deus. A consequência disso é que nossas pastorais devem ser reflexo dessa ação divina em nós e através de nós. O essencial de uma pastoral não é ação pela ação, mas um agir moldado a partir do Cristo que age sacramentalmente em nós.

Devemos encarar que há uma certa crise dos sacramentos nas nossas pastorais. Assim, como desenvolver uma boa e eficaz pastoral que apresente a vida sacramental se muitos sequer se aproximam dos Sacramentos? E se até desacreditamos deles? Se não estamos convencidos na fé, como vamos

viver as exigências da fé?

Não basta apenas falar que os sacramentos sejam coisas passadas e ultrapassadas, num puro desdém, nem que a linguagem sacramental se tornou incompreensiva aos tempos modernos, ou ainda que uma igreja sacramental é apenas institucional (cf. BELLOSO, 2005, p.12); certamente ainda não entendemos como a vida sacramental nos provoca a uma vida dedicada e concreta na ação junto aos mais pobres, pois é impossível ser de Cristo e não estar comprometido com a sua causa.

Quanto maior for a vida na Graça, maior será o nosso compromisso com a fé e com as exigências evangélicas por uma transformação do mundo. Assim, uma pastoral que se pretenda sacramental não só deve despertar nossa ascensão aos sacramentos, mas também nosso testemunho de vida cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Onde está o real problema sobre os sacramentos nos dias de hoje, é na doutrina ou na pastoral? Elencamos dois problemas que incidem diretamente na doutrina sacramental: a incapacidade de compreender os símbolos e a compreensão ideológica do homem. Problemas que afetam diretamente a doutrina sacramental, seja negando ou diminuindo sua compreensão para além do símbolo, seja negando a materialidade como mediadora da sacramentalidade.

Falamos de um rito engessado e outro laxo que afetam também a vida sacramental, um encobrindo e o outro empobrecendo a vitalidade dos sacramentos na vida do fiel. Ambos acabam incidindo na vida pastoral da Igreja que acaba fragilizada pelo desprezo à vida sacramental.

O problema sacramental não está somente na dogmática que parece não conseguir dizer ao homem o que lhe é essencial, mas também na pastoral que não tem fomentado uma vida comprometida, consequente à vida sacramental. Uma e outra se implicam. Somente compreendendo-as mutuamente, poderemos superar essas tantas crises que nos cercam.

REFERÊNCIAS

BELLOSO, Josep M. Roriva. *Os sacramentos: Símbolos do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Bíblia de Jerusalém. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, Leonardo. *Os sacramentos da vida e a vida dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 1999.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2000.

FRANCISCO. *Desiderio Desideravi*. Disponível em: https://ofm.org.br/wp-content/uploads/2022/07/Lettera-Apostolica-Desiderio-Desideravi-del-Santo-Padre-Francesco.pdf Acesso em: 15 set. 2022.

GRILLO, Andrea. *Ritos que educam*. Os setes Sacramentos. Coleção Vida e Liturgia, V.4. Brasília: CNBB, 2017.

LEÃO. *Sermões*. Coleção Patrística, 06. São Paulo: Paulus, 1996.

RATZINGER, Joseph. *Teologia da Liturgia***.** O fundamento sacramental da existência cristã. Vol. XI. Brasília: CNBB, 2019.